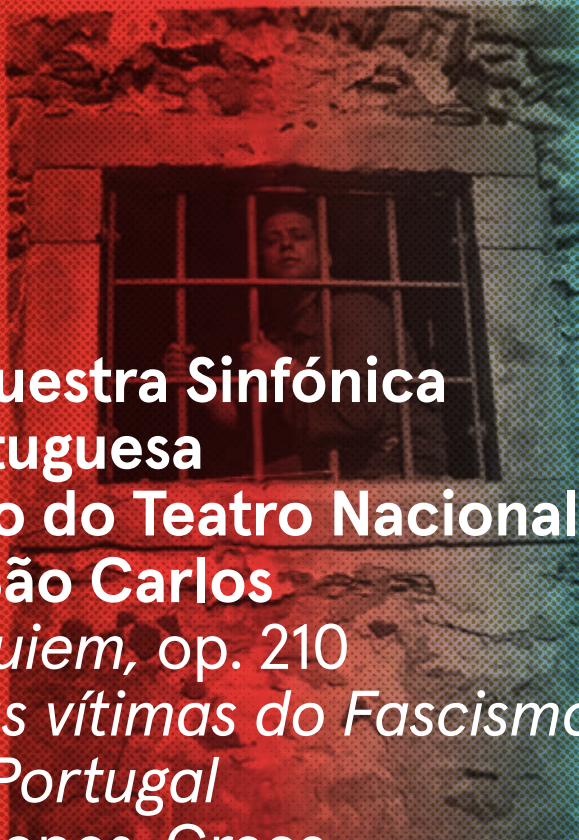




Orquestra Sinfónica
Portuguesa
Coro do Teatro Nacional
de São Carlos
Requiem, op. 210
Pelas vítimas do Fascismo
em Portugal
de Lopes-Graça

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Grande Auditório
Domingo, 17h00, M/6



Requiem pelas vítimas do Fascismo em Portugal
50 anos do 25 de Abril

Fernando Lopes-Graça (1906–1994)

Requiem, op. 210

Pelas vítimas do Fascismo em Portugal

Introitus

Sequentia

Sanctus

Agnus Dei

Communio

Soprano **Bárbara Barradas**

Meio-soprano **Cátia Moreso**

Tenor **Carlos Cardoso**

Barítono **Luis Cansino**

Baixo **Oliver Zwarg**

Direção musical **Antonio Pirolli**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)

**Conselho de Administração
do OPART, E.P.E.**

Presidente, Conceição Amaral

Vogal, Rui Morais

Vogal, Sofia Meneses

Conselho de Administração do CCB

Presidente, Francisca Carneiro Fernandes

Vogal, Madalena Reis

Vogal, Delfim Sardo

**Direção Artística de Artes Performativas
e Pensamento**

Aida Tavares

**Direção Artística do
Teatro Nacional de São Carlos**

Ivan van Kalmthout

A Luz Nasce das Trevas: o Requem de Lopes-Graça

O *Requem pelas vítimas do Fascismo em Portugal* é, muito provavelmente, o ponto mais alto e significativo, quer em termos estéticos, quer em termos políticos, da obra de Fernando Lopes-Graça, um dos nomes cimeiros da composição portuguesa do século XX e, certamente, o que mais espelha o que foi o século XX português, se incluirmos toda a ação política, escritos musicológicos e a pesquisa etnomusical que ligamos imediatamente ao seu nome e a uma vida que quase abarca a totalidade do século (1906-1994).

Composto entre 1976 e 1979, para assinalar os 70 anos de Lopes-Graça, o *Requem* foi encomendado pela então Secretaria de Estado da Cultura, através de Romeu Pinto da Silva. Este acolheu prontamente a ideia de um *requiem* «pelos meus pais e pelos pais de todos aqueles que sofreram». Porém, uma vez concluída a obra, o compositor resolveu universalizar o subtítulo, transformando-o naquele que hoje conhecemos e que envolve todos quantos sofreram às mãos do regime de Salazar, incluídos o próprio Lopes-Graça e os pais.

Tendo convivido e estudado durante vários anos com Lopes-Graça, tenho uma teoria própria sobre a mudança da dedicatória: não se sabia por que carga de água Brahms era um ódio de estimação do compositor português. Ora, o *Requem Alemão* de Brahms foi escrito como reação à morte da mãe, e creio que Lopes-Graça terá querido evitar esse paralelo com um compositor do qual nem queria ouvir falar...

O *Requem pelas vítimas do Fascismo em Portugal* é uma obra monumental, pelos efetivos e pela duração, e também pelos meios que requer: os seus 45 minutos de duração pedem 5 solistas vocais (SATBarB), dois coros mistos e uma grande orquestra: 3.3.3.3./6.4.3.1./perc./harpa/cel./cordas.

Embora reconhecidamente ateu e comunista, Lopes-Graça nunca renegou a religiosidade na sua forma menos institucional, a do povo, como demonstram as inúmeras harmonizações e obras escritas sobre melodias e textos populares de cariz sacro, bem como dois *Salmos*. Ao contrário de Britten, cujo *Requem da Guerra* o influenciou, e que recorre a poemas de escritores caídos durante a 1.ª Guerra Mundial, criando dessa forma um paralelo profano ao texto sacro, o *Requem* de Lopes-Graça usa exclusivamente o texto litúrgico.

O início, tocado pelas cordas graves, cita – de certa forma «seria impossível Lopes-Graça ter usado estas quatro notas sem se aperceber da relação» – o motivo principal da fuga com que também se inicia uma das obras de um dos compositores, ou mesmo o compositor, que Lopes-Graça mais idolatrava: a *Música para Cordas, Percussão e Celesta*, de Béla Bartók, que continua a ser «visitado» durante o *Requiem* através do uso de certas texturas oriundas não só da *Música para Cordas*, como também da *Cantata Profana*, uma das obras coral-sinfónicas mais extraordinárias do século XX e da qual Lopes-Graça várias vezes me falou com entusiasmo.

Também Britten e o seu *Requiem da Guerra* são, como referi, evocados na sequência – igualmente terrífica – do *Dies Irae*, que evoca o do seu predecessor britânico. Porém, todas estas influências (e mais algumas, decerto), que podem, facilmente, ser descobertas a «ouvido nu» (isto é, sem consulta da partitura), não obstam, mais uma vez, a que o *Requiem* de Fernando Lopes-Graça avulte como uma das grandes obras coral-sinfónicas do século XX.

Embora política e socialmente empenhado, na perspectiva de um criador humanista laico, à imagem de Bartók (a citação inicial da *Música para Cordas* virá dessa identificação ética e moral), Lopes-Graça não negava certamente a matriz cristã da cultura europeia, mantendo-se totalmente separado de qualquer igreja, é certo, mas mantendo-a latente na sua obra em prol da ligação profunda ao povo português e aos seus costumes e crenças. Quantos cantos religiosos populares não harmonizou o Mestre ao longo da sua vida?

E quantos livros de autores católicos, cristãos e outros não admirava ele? Quantos padres não foram seus companheiros e amigos? Não só Tomás Borba, com quem escreveu o importante *Dicionário de Música*, mas outros mais.

A posição de Lopes-Graça em relação à religião nem sequer era anticlerical, mas antes profundamente crítica das ligações e aspetos menos brilhantes de uma certa hierarquia religiosa que deu as mãos ao Fascismo, se não o apoiando diretamente, pelo menos nunca o contestando abertamente, salvo as raras exceções, exceções essas com as quais Lopes-Graça tinha ideias em comum e com as quais comungava os seus ideais de democracia e liberdade.

É, pois, no contexto da sua personalidade que, creio, devemos colocar o *Requiem*; não um objeto estranho e

incompreensível, escrito por um comunista ateu, mas antes como a expressão mais profunda de um artista humanista, socialmente comprometido e empenhado em homenagear dignamente os caídos sob o regime de Salazar, muitos dos quais, como se sabe, católicos ou de outras crenças, e não só membros do Partido Comunista ou das outras facções políticas clandestinas que lutavam contra o Fascismo.

O facto de escrever esta obra em pleno ocaso da vida (tinha então 73 anos, viveria apenas mais 15), terminando-a apenas cinco anos após a implementação da democracia em Portugal, quando os horrores do Salazarismo ainda estavam bem presentes na memória viva, e tendo-a dedicado aos companheiros, amigos e povo anónimo martirizado pelos 48 longos anos de Ditadura, ele próprio e os pais incluídos, não será de admirar que o *Requiem* revele uma profundidade de emoções bem real, para além de constituir uma súplica de tudo quanto Lopes-Graça aprendeu ao longo de toda uma longa vida dedicada à música e à composição, mormente de obras vocais e corais. Lembro-me de uma vez em que o ouvimos juntos em casa do Graça, na Parede. O Mestre fechou os olhos e reclinou-se no seu sofá, escutando a sua obra-prima. Perto do fim, reparei que tinha os olhos marejados de lágrimas. Nada disse, nem lhe dei a entender que reparara. Percebi nessa altura que aquele era também o seu *Requiem*...

O xilofone e as fanfarras do *Dies Irae* conjugam as forças da morte, os ossos dos condenados erguem-se numa dança macabra, rangem os dentes; porém, é a Vida que vence. Na derradeira secção, *Communio* (comunhão, encontro), a soprano solista eleva-se por cima da massa coral e orquestral, num melisma de cortar a respiração: é a esperança da Humanidade que grita o valor das inúmeras vidas sacrificadas por um regime tirânico.

Para que os que ficaram saibam que os que morreram não morreram em vão.

Sérgio Azevedo

Musicólogo

Fernando Lopes-Graça

Requiem, op. 210

Pelas vítimas do Fascismo em Portugal

1. INTROITUS

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.*

*Te decet hymnus, Deus,
in Sion,*

*et tibi redetur votum
in Jerusalem.*

Exaudi orationem meam.

Ad te omnis caro veniet.

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.*

KYRIE

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Kyrie eleison.

2. SEQUENTIA

*Dies irae, dies illa
solvet saeculum in favilla,
teste David*

cum Sibylla.

*Quantus tremor est futurus,
quando Judex est venturus
cuncta stricte discussurus.*

*Tuba mirum spargens sonum
per sepulchra regionum*

coget omnes ante thronum.

*Mors stupebit et natura,
cum resurget creatura
judicanti responsura.*

*liber scriptus proferetur
in quo totum continetur
unde mundus judicetur*

1. INTROITO

Dá-lhes, Senhor, repouso eterno,
e que a luz perpétua os ilumine.
A Ti, ó Deus, devem cantar-se hinos
em Sião

e a Ti oferecemos estes votos em
Jerusalém.

Ouve a minha oração;

Toda a carne Te será presente.

Dá-lhes, Senhor, repouso eterno
E que a luz perpétua os ilumine.

KYRIE

Senhor, tem piedade de nós.

Cristo, tem piedade de nós.

Senhor, tem piedade de nós.

2. SEQUÊNCIA

Dia da ira, dia esse

que consumirá a terra em cinzas

Segundo as profecias de David e da
Sibila.

Qual não será o terror dos homens

Quando vier o Juiz

Que julgará tudo com severidade.

A trombeta, espalhando o seu som
estridente

Pelas regiões dos sepulcros,

Chama a todos perante o trono.

A morte e a natureza ficarão
estupefactas

Quando todas as criaturas se
levantarem

Para responderem perante o Juiz.

Será trazido o livro escrito

Em que se contém tudo aquilo

Sobre o qual o mundo será julgado.

*Quid sum miser tunc dicturus,
quem patronum rogaturus
cum vix justus sit securus?
Rex tremendae majestatis
qui salvandos salvas gratis,
salva me, fons pietatis.*

*Recordare, Jesu pie,
quod sum causa
 tuae viae,
ne me perdas illa die.
Quaerens me sedisti lassus,
redemisti crucem passus;
tantus labor non sit cassus.*

*Juste judex
Just judex ultionis,
donum fac remissionis
ante die rationis.*

*Ingemisco tanquam reus,
culpa rubet vultus meus,
supplici parce, Deus.
Qui Mariam absolvisti
et latronem exaudisti,
mihi quoque spem dedisti.
Preces meae non sunt dignae,
sed tu bonus fac benigne,
ne perenni cremer igne.
Inter oves locum praesta
et an haedis me sequestra,
statuens in parte dextra.*

*Confutatis maledictis,
flammis acribus
addictis,
Oro supplex et acclinis,*

Para que protetor apelarei
Quando até o justo dificilmente estará
seguro?
Ó Rei de tremenda majestade,
Que salvas os que são dignos de
salvação, Salva-me, ó fonte de
piedade.

Recorda-Te, ó piedoso Jesus,
De que vieste ao mundo por minha
causa,
Não me abandones nesse dia.
Procurando-me, sentaste-Te
cansado:
Redimiste-me sofrendo na cruz;
Que tanto trabalho não tenha sido
em vão!

Ó justo Juiz da vingança,
Faz-me o dom do perdão
antes do dia do acerto de contas.

Tremo como um réu,
A culpa enrubesce-me a face,
Ó Deus, poupa um suplicante.
Tu, que absolveste Maria Madalena
E ouviste o ladrão,
Deste-me também esperança,
As minhas preces não são dignas,
Mas Tu, que és bom, age com
bondade
Para que eu não arda no fogo eterno.
Dá-me lugar entre as ovelhas,
E separa-me dos bodes,
Ficando à Tua direita.

Quando os malditos tiverem sido
abatidos
E lançados às chamas violentas
Prostrado a teus pés, rogo-Te,

*cor contritum
quasi cinis,
gere curam mei finis.*

*Lacrymosa, dies illa
qua resurget ex favilla
judicantus homo reus
huic ergo parce Deus.
Domine, pie Jesu, Domine.*

*Dona eis requiem
Pie Jesu, Domine,
dona eis requiem.
Amen.*

3. SANCTUS

*Sanctus, sanctus, sanctus
Dominus Deus, Sabaoth!
Pleni sunt caeli et terra
gloria tua.
Hosanna in excelsis!*

*Benedictus qui venit in nomine
Domini.
Hosanna in excelsis!*

4. AGNUS DEI

*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,
Dona eis requiem, requiem
sempiternam.
Agnus Dei, qui tollis
peccata mundi,
Dona eis requiem sempiternam.*

De coração contrito como se
estivesse em cinzas:
Zela por mim na minha hora final.

Nesse dia cheio de lágrimas,
Que o pecador renasça das suas
cinzas,
Para ser julgado!
Tem, pois, piedade dele ó Deus.
Piedoso Jesus, Senhor.

Dá-lhes repouso eterno
Piedoso Jesus, Senhor.
Dá-lhes repouso eterno.
Ámen.

3. SANCTUS

Santo, santo, santo,
É o Senhor Deus dos exércitos!
O céu e a terra proclamam a Tua
glória.
Hosanna lá nas alturas!

Bendito quem vem em nome do
Senhor.
Hosanna lá nas alturas!

4. AGNUS DEI

Cordeiro de Deus, que tiras os
pecados do mundo,
Dá-lhes repouso.
Cordeiro de Deus, que tiras os
pecados do mundo,
Dá-lhes repouso eterno.

5. COMMUNIO

*Lux aeterna luceat eis, Domine,
cum sanctis tuis
in aeternum
quia pius es.*

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua
luceat eis.*

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.*

5. COMUNHÃO

Que a luz eterna os ilumine, Senhor,
Com os Teus Santos para todo o
sempre,
porque Tu és piedoso.

Dá-lhes, Senhor, repouso eterno,
E que a luz perpétua brilhe sobre
eles.

Dá-lhes, Senhor, repouso eterno,
E que a luz perpétua brilhe sobre
eles.



© Mara D'Eleán

Bárbara Barradas

Soprano

«Uma notável artista, uma cantora inata (...) com uma voz bonita e redonda, uma presença excecional em palco, com uma *messa di voice* que, após a Caballé, é muito difícil de encontrar» (diretor do Festival Oper im Berg). Estreou-se em Salzburgo (Festival Oper im Berg) com o papel titular em *Lucia di Lammermoor* . Interpretou os papéis de Musetta no Teatro Nacional de São Carlos, onde foi muito aclamada. Em 2022, estreou o papel de Corinna (*Il viaggio a Reims*) no CCB; e na sua carreira já interpretou Ines di Castro, Lucia, Susanna, Barbarina, La Fée, Frasquita, Donna Anna, Zerlina, Königin der Nacht, entre outras. Fez a estreia absoluta, no Teatro da Trindade, de Bruna na nova ópera *A canção do bandido* de Nuno Côrte-Real. Na Culturgest, também em estreia absoluta, foi a solista da obra *Tremor* de Nuno Côrte-Real, obra gravada em Berlim, ainda em 2021. Canta regularmente com as mais prestigiadas orquestras nacionais e internacionais. Foi bolseira da

Fundação Gulbenkian, formou-se em Londres (bacharelato em música e mestrado em música) na Guildhall School of Music and Drama. Fez parte da International Opera Academy e da WIAV. Ganhou vários prémios e bolsas de estudo em inúmeras competições nacionais e internacionais.

É fundadora e mentora do programa *Empodera-te na Voz* e, em conjunto com os prestigiados artistas Cátia Moreso, Sónia Aragão e Vasco Dantas, dirige a Associação Cultural Art Allurement.



© DR

Cátia Moreso

Meio-soprano

Estudou na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde obteve a licenciatura em canto e mestrado (curso de ópera) como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. O seu repertório de ópera inclui, entre outros: Preziosilla em *La forza del destino* ; Dorabella em *Così fan tutte* ; Jocasta em *Oedipus Rex* ; Ježibaba em *Rusalka* ; Suzuki em *Madama Butterfly* ; Maddalena em *Rigoletto* ; Eboli em *Don Carlo* ;

Madame de Croissy em *Dialogues des Carmélites*; *Carmen*; Santuzza em *Cavalleria rusticana*; Condessa di Coigny e Madelon em *Andrea Chénier*; Siebel em *Faust*; e Azucena em *Il trovatore*. Em concerto, interpretou como solista: *Messa da Requiem* de Verdi; *Requiem* de Mozart; *Stabat Mater* de Pergolesi; *Oratória de Natal* e *Oratória de Páscoa* e *Paixão segundo São João* de J. S. Bach; *Petite Messe Solennelle* de Rossini; *Elijah* de Mendelssohn; *Messiah* de Händel; *L'enfance du Christ* de Berlioz; e *9.ª Sinfonia* de Beethoven.



© DR

Carlos Cardoso

Tenor

Natural de Tarouquela, estudou na Universidade da Beira Interior com o maestro Ferreira. Ganhou o 1.º prémio numa das edições do Concurso Luísa Todi, o 3.º prémio no Concurso Lírico Magda Olivero e o 1.º prémio no Concurso de Canto da Fundação Rotária de Lisboa. Em 2010/2011, foi membro do Estúdio de Ópera no Teatro Nacional de São Carlos e, entre 2011/2013, membro da

Accademia del Teatro alla Scala, em Milão, o que lhe deu oportunidade de colaborar em concertos e produções de ópera. Já se apresentou em alguns palcos importantes como: Dutch National Opera Amsterdam; Teatro Verdi de Busseto para o Festival Verdi de Parma; Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa; Stadttheater Klagenfurt; Ópera de Vilnius; Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de Praga; Vienna Musikverein; e também em cidades como Magdeburg, Wiesbaden, Koblenz, Dortmund, Gelsenkirchen, Tirana, Parma e Trieste. Entre 2017 e 2023, foi membro do *ensemble* do Aalto Theater Essen. O seu repertório inclui, entre outros: Duca em *Rigoletto*; Alfredo em *La traviata*; Rodolfo em *Luisa Miller*; Renato em *Un ballo in maschera*; Gabriele Adorno em *Simon Boccanegra*; Pollione em *Norma*; Rodolfo em *La bohème*; Pinkerton em *Madama Butterfly* e Narraboth em *Salomé*. Em concerto, apresentou-se em: *Missa glagolítica* de Janáček; *Messa di gloria* de Puccini; *Petite messe Solennelle*, *Stabat Mater* e *Requiem* de Dvořák.



© Marek Olbrzymek

Luis Cansino

Barítono

De origem galega, é convidado frequente em importantes temporadas de ópera a nível internacional. Destacam-se, de compromissos mais recentes: *Nabucco*; *Rigoletto*; *Simon Boccanegra*; *Falstaff*; *Scarpia* em *Tosca*; *Michonet* em *Adriana Lecouvreur*; *Dulcamara* em *L'elisir d'amore*; *Agata* em *Viva la mamma!*; *Melitone* em *La forza del destino*; *Selim* em *Il turco in Italia*; *Sulpice* em *La fille du régiment*; *Germont* em *La traviata*; *Amonasro* em *Aida*; *Barnaba* em *La Gioconda*; *Gellner* em *La Wally*; *Sharpless* em *Madama Butterfly*; e *Poncia* em *La casa de Bernarda Alba*. Galardoado por diversas instituições em Espanha, Colômbia, Peru e México, participou nas estreias de *El canto de los volcanes* e *La marimba arrecha*, ambas de Álvarez del Toro, *Fuenteovejuna* (Muñiz), *La Bella Susona* (Carretero) e na recuperação de mais de uma dezena de óperas e zarzuelas.



© Judit Maier

Oliver Zwarg

Baixo

O repertório de Oliver Zwarg inclui papéis como: *Barak*, *Jochanaan* e *Orest* (Strauss); *Amfortas*, *Holandês*, *Kurwenal*, *Alberich* e *Hans Sachs* (Wagner); *Wozzeck* (Alban Berg); *Figaro*, *Leporello* e *Papageno* (Mozart); *Amonasro* (Verdi); *Gianni Schicchi*, *Scarpia* (Puccini); e *Golaud* (Debussy), pelo qual foi nomeado, por diversas vezes, para Artista do Ano, pela revista *Opernwelt*. Recentemente, acrescentou à sua extensa lista papéis como *Wotan*, *Wanderer* e *Iago*. De compromissos recentes e futuros, destacam-se: *A Flauta Mágica* na Royal Opera House Covent Garden; *Dr. Schön* em *Jack the Ripper* no Theater Darmstadt; *Wanderer* em *Siegfried* em Riga; *Eisenhardt* em *Die Soldaten* em Hamburgo; *Die Sieben Todsünden* em Berlim; e *Kaspar* em *Freischütz* no Bregenzer Festspiele. A nível concertístico, o seu repertório vai da música renascentista a obras mais contemporâneas. Já colaborou com maestros como Sir Simon Rattle, Christian Thielemann, Daniele Gatti, Marco Armiliato, Lothar Zagrosek,

Ingo Metzmacher, Markus Stenz e Paul McCreesh, e com encenadores como Calixto Bieito, Claus Guth, Michael Hampe, Stefan Herheim, Peter Konwitschny, Nikolaus Lehnhoff, Robert Carsen, Achim Freyer e Jossi Wieler.



© Bruno Simão

Antonio Pirolli

Direção musical e maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na

Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *O barbeiro de Sevilha* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona e Lisboa; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP

tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.



© Bruno Frango

Giampaolo Vessella

Maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera Ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de

Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, da qual foi membro do Comité Artístico. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de

Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real.

Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada).

Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015.

Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Maestro titular

Antonio Pirolli

VIOLINOS I

Alexis Hatch

Pavel Arefiev

Leonid Bykov

Laurentiu Ivan-Coca

Hasmik Duarte

Luís Santos

Nicholas Cooke

Anabela Guerreiro

Iskrena Yordanova

Ewa Michalska

Margareta Sandros

Alexander Mladenov

António Figueiredo

Tomás Costa*

VIOLINOS II

Paula Carneiro

Rui Guerreiro

Nariné Dellalian

Lyza Valdman*

Kamélia Dimitrova

Aurora Voronova

Katarina Majewska

Patrícia Tomé*

Slawomir Sadlowski

David Ascensão*

Witold Dziuba

Tomás Soares*

VIOLAS

Pedro Muñoz

Ceciliu Isfan

Cécile Pays

Ventzislav Grigorov

Etelka Dudás

Vladimir Demirev

Sandra Moura

Isabel Pereira

Joana Tavares*

Eva Grancho*

VIOLONCELOS

Irene Lima

Hilary Alper

Ajda Zupancic

Diana Savova

Luís Clode

Gueorgui Dimitrov

Emídio Coutinho

João Matos

CONTRABAIXOS

Adriano Aguiar

Duncan Fox

José Mira

João Diogo Duarte

Maria Delmar

Vanessa Lima

FLAUTAS

Anabela Malarranha

Ana Baganha (+Picc)

Rui Matos (Picc)

OBOÉS

Ricardo Lopes

Elizabeth Kicks

Luís Marques (C.i)

CLARINETES

Joaquim Ribeiro

Cândida Oliveira

Jorge Trindade (+Clb)

FAGOTES

Carolino Carreira
Roberto Erculiano
Joana Maia (Cfç)

TROMPAS

Luís Vieira
Augusto Rodrigues
Laurent Rossi
Tracy Nabais
Paulo Guerreiro
Carlos Rosado

TROMPETES

António Quítalo (+Trpt.ré)
Pedro Monteiro
Jorge Almeida
Latchezar Goulev

TROMBONES

Hugo Assunção
Vitor Faria
Joaquim Rocha (Trbn.b)

TUBA

Ilídio Massacote

TÍMPANOS

Elizabeth Davis

PERCUSSÃO

Lídio Correia
Pedro Araújo E Silva

HARPAS

Carmen Cardeal
Ana Ester Santos*

CELESTA

Nuno Margarido Lopes

**Coro do Teatro Nacional
de São Carlos**

Maestro Titular

Giampaolo Vessella

Maestro Assistente

Kodo Yamagishi

SOPRANOS

Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Serro
Ana Sofia Franco
Angélica Neto
Beatriz Maia
Carmen Matos
Carolina Raposo
Filipa Lopes
Isabel Biu
Isabel Silva Pereira
Maria Anjo Albuquerque
Maria Luísa Brandão
Patrícia Ribeiro
Raquel Alão
Sandra Lourenço
Sónia Alcobaça

MEIO-SOPRANOS

Ana Cristina Carqueijeiro
Ana Ferro
Ana Rita Cunha
Ana Serôdio
Ângela Roque
Antónia Ferraz de Andrade
Cândida Simplício
Conceição de Sousa
Inês Medeiros
Jacinta Albergaria
Luísa Tavares
Leila Moreso
Madalena Paiva Boléo
Manuela Teves

* Reforços

Natália Brito
Rita Coelho
Rita Raposo
Susana Moody

TENORES

Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Carlos Silva
Diocleciano Pereira
Francisco Lobão
João Cipriano
João Monteiro Rodrigues
João Queiroz
João Rodrigues
Luís Castanheira
Mário Silva
Nuno Cardoso
Rui Pedro Antunes
Sérgio Martins
Vítor Carvalho

BAIXOS

Alexandr Jerebtsov
Carlos Homem
Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos
Enrico Caporiondo
Frederico Santiago
João Miranda
João Oliveira
João Rosa
Leandro Silva
Luís Mayer Bento
Nuno Dias
Oswaldo Macedo de Sousa
Simeon Dimitrov
Tiago Navarro





JÁ A SEGUIR — 26 MAIO 2024

Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do Teatro Nacional de São Carlos *Sinfonia n.º 4* de Joly Braga Santos

O segundo andamento eletrizante do *Concerto n.º 1 para violino* de Prokofiev encantou Joseph Szigeti desde a estreia em Paris, em 1923. Ele tornou-se um defensor fervoroso, levando-o a plateias globais. Joly Braga Santos, falecido em 1988, deixou uma rica produção musical.

A sua *Quarta Sinfonia*, coral-sinfónica, estreou-se em 1968, apresentando um épico epílogo coral que se destaca como uma homenagem apaixonada à juventude, tendo sido proposto como Hino Mundial da Juventude.

CONVERSA PRÉ-CONCERTO

Este espetáculo contará com uma conversa pré-concerto com Alexandre Delgado (compositor) e Cesário Costa (maestro e programador). Exclusivo para portadores de bilhete de concerto.

Dom, 19h00
Grande Auditório
M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém,
OPART/Teatro Nacional de São Carlos

imagem de capa: Firminiano Cansado Gonçalves no Depósito de Presos de Peniche (Fortaleza de Peniche) em 1935.
Foto gentilmente cedida ao Museu Municipal de Peniche - Município de Peniche por Leonor Baeta Neves.



APOIOS



PARCEIRO PARA A COMUNICAÇÃO

